

Retorno para ti

Gabriel Sant'Ana

assiste-se a um silêncio cúmplice e inacreditável

(1º relatório sobre a situação dos direitos humanos em Cabinda)

“Bento Banvu, isso mesmo”, virando-se a um grupo de dez militares armados, “mas a que deve a visita, senhores? Se me houvessem avisado, teria mandado minha mulher trazer mais alimentos do centro... hoje teremos peixe... cheguem mais perto para ver as *zindika*, pelo rosto deste aí nunca deve ter visto uma, sequer ouvido falar... são as mudanças, as novas técnicas, mais rápidas... não gosto delas, apesar de meu filho as utilizar... gosto mesmo é de preparar o material, minhas mãos provam as marcas dos anos de preparo das armadilhas, estão vendo?... me desculpem... Podem repetir o nome? *Mbele? Fernando?* Ah meus senhores... perdoem a memória deste velho... Posso acompanhá-los, sim, prontamente... mas deixem-me retirar os peixes, senão minha mulher irá reclamar.”

O Grupo da Inteligência e Inquérito continuou as perguntas durante o trajeto até as plantações de abacaxi do sr. Bento. O idoso aparentava um nervosismo incomum, uma tomada de fôlego de um dos soldados antes de enunciar a pergunta fazia-o tremer e gaguejar, iniciando desculpas, relatando eventos que não interessavam.

“Sr. Banvu, demonstrações de nervosismo, mesmo para pessoas da sua idade, são um sério sinal. Seria melhor, para o próprio encaminhamento das investigações, que o senhor cooperasse, inicialmente se acalmando. Os mais nervosos são sempre mais difíceis e nos forçam ao que não seria necessário.

Veja estas fotos. Consegue nos dizer o que o senhor conversava com este homem? Ou se lembrar do que conversavam?”

“Eu... eu... veja que estou dando a ele alguns abacaxis... não consigo me lembrar que dia aconteceu isso...”

“Isso foi há um mês”

“Um... mês... eu tenho uma plantação de abacaxi há muitos anos... e muitos me procuram para comprar... eu vendo barato, até... apesar do trabalho cansativo que tenho... as mudanças no clima... as pragas... é muito desperdício, sabe?... com a idade que eu estou, só não largo porque não saberia fazer outra coisa... minha vida sempre foi essa... plantar, pescar... foi muita luta para criar as crianças...”

“Responda!”

“Mas nem sei quem ele é... por que os senhores estão preocupados? Nunca fiz nada ilegal...”

“Nunca fez nada de ilegal? Como assim?”

“Nada de ilegal... matar, roubar... sempre segui as leis... Deus é testemunha.”

“Deus não está em questão. Responda à pergunta.”

“São muitas pessoas que comprem comigo... muitos se tornam até meus amigos...”

“Então este homem é seu amigo.”

“Não foi isso o que disse...”

O automóvel passa em frente à plantação, Bento se vira e pergunta se iriam parar para que ele pudesse falar com algum dos seus trabalhadores. O soldado responsável pelos registros inicia a leitura do sucedido até o momento para o sargento responsável.

“Bento Banvu, idoso de 65 anos, altura de 1,65 m, trabalhador rural, foi abordado pela equipe de inteligência e inquérito do Exército Nacional devido a supostas relações com guerrilheiros, digo, suposto de ter acolhido guerrilheiros em sua residência e de ter facilitado sua fuga através do lago onde costumeiramente realiza atividades de pesca. Após cansativos procedimentos de busca e inquérito, o referido idoso, após respostas evasivas, admitiu ter relações de amizade com um dos guerrilheiros.”

“Retire ‘supostas’ em ‘supostas relações’, troque ‘cansativos’ em ‘cansativos procedimentos...’ por ‘minuciosos procedimentos...’.”

“Irei emendar.”

“Mas não afirmei que tinha amizade por nenhum guerrilheiro... ou mesmo que tivesse amizades...”

“Sempre falam coisas do gênero. O senhor manifestou comportamento suspeito durante todo o trajeto, disse que muitos que compram seus abacaxis acabam se tornando seus amigos. O homem com quem você conversava, veja a foto!, é um guerrilheiro procurado.”

Não houve momento para “mas”. Emudecido, Bento revê a foto; aponta para o homem que disseram ser ele, que estava de costas dando abacaxis ao dito guerrilheiro.

“O senhor está sendo levado até sua aldeia para que pegue seus documentos.”

“Mas eles não estão comigo... minha mulher foi hoje ao centro pegar a segunda via, pois os havia perdido no lago, enquanto...”

“Não dê satisfações. Então o senhor irá escrever um bilhete para sua esposa dizendo que leve os documentos até o Registro de Notas do Exército Nacional, no centro da cidade.”

“Cadê o papel e a caneta”

“Não é necessário. Já está escrito. Ele deve copiar e assinar, neste papel.”

Minha querida, por forte motivo hoje não irei almoçar contigo. O Exército me convocou para explicações sobre um caso sigiloso, como não estou com minha documentação, leva urgentemente a segunda via até o Registro de Notas no centro de Cabinda até amanhã às 15h. Fui levado, mesmo sem documentação, porque era urgente. Assim que terminarem as explicações retorno para ti.